

Do Palco às Ruas

CCSP

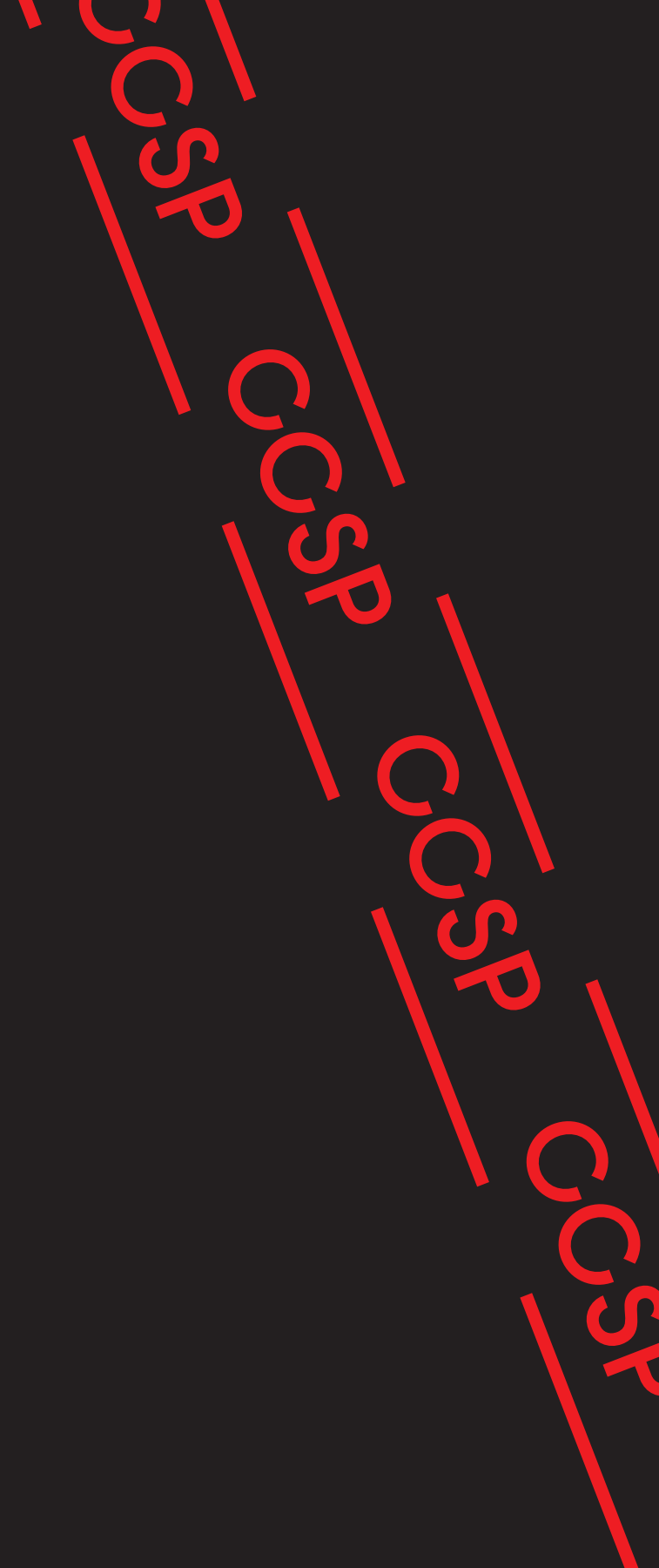
CCSP

CCSP



Do Palco às Ruas

09 de fevereiro a 03 de abril de 2021



realização:



apoio:



UMA AVENTURA SOBRE A MEMÓRIA DAS ARTES CÊNICAS

Por Erika Palomino

Do Palco às Ruas é um catálogo digital, um documentário, um videoclipe, uma exposição. É também uma experiência viva de um acervo histórico da cultura brasileira, uma performance em que passado e presente, figurino e moda se transformam em realidade, em corpos políticas e dissidentes.

Quando implementamos a Curadoria de Moda no CCSP em fevereiro de 2019, uma das primeiras das muitas ideias boas trazidas pela pesquisadora Karlla Giroto, que estreou esta linguagem na instituição, foi de fazer uma exposição de figurinos do Teatro Municipal de São Paulo, uma vez que tanto a FTM quanto o CCSP vinculam-se à Secretaria Municipal de Cultura, a SMC. Mais do que oportuna, ela se justifica pelo fato de que esse grandioso acervo de trajes de cena de óperas e de montagens do Balé da Cidade encontra-se digitalizado e acessível para pesquisa online, mas não em sua totalidade. Dos 18 mil itens, somente cerca de 3 mil estão no site de acervos da Prefeitura, nem todos com documentação fotográfica. Além disso, nem público nem profissionais especializados têm acesso a eles. De modo que qualquer contato com essas peças tem um valor enorme.

Desde 2009 o acervo da ópera fica na Central Técnica de Produções Artísticas Chico Giacchieri, no Pari, e os de dança ficam no Paço das Artes. Apesar dos esforços, a complexidade de cuidar desse material é enorme, e a lida com ele também consiste em custoso desafio. Sem nunca desistir da ideia de extravasar essa maravilhosidade para a população, depois da primeira imersão nos acervos feitas pelos pesquisadores Tatiana Lie Iwasa e Alexandre dos Anjos, em lugar de apenas uma exposição, pensamos em fazer um monumental desfile dessas peças nas rampas do CCSP. Tudo ia bem até chegar a pandemia, e todos os formatos e sonhos ficaram em suspenso. Nossa vontade, entretanto, seguiu. Na tentativa de registrar, ao menos, a pesquisa e a catalogação que já haviam sido feitas pela equipe liderada com bravura por Viviane Junqueira dos Santos, acrescentamos então um recorte que já faz parte do dia-a-dia do CCSP, o da produção negra, indígena e transvestigênera. Mais uma camada de comentários e significados sobre essa grande aventura emocional e sensorial.

Em hercúleos exercícios de logística, compusemos cerca de 80 looks e 15 times de fotografia, moda e beleza, divididos em dois dias de captação no CCSP, durante a Virada Cultural em dezembro de 2020. Tudo isso aberto ao público, que assim também pôde conviver um pouquinho com esses figurinos, enquanto eles se deslocavam por rampas, teatros, jardins e áreas comuns do icônico prédio da rua Vergueiro, 1000. Um camarim de maquiagem e araras de roupas foi montado na Praça das Bibliotecas, com vista dos pisos Caio Graco e Flávio de Carvalho, de onde o produtor e DJ Felipe Venancio fazia uma trilha ao vivo com árias e trechos de peças de dança. Um happening em tempo real, em que pela primeira vez corpos não-hegemônicos viram e vestiram esses figurinos, misturados a peças da moda de hoje.

Para dar conta de registrar esse acontecimento, um documentário realizado pela Black Pipe captou e ouviu o relato das personagens que viveram essa história, enquanto o Coletivo Coletores transformou em um filme inspirador que projeta esse legado para o futuro.

Por fim, Do Palco às Ruas é também um convite à valorização da memória das artes cênicas, tão volátil e tão importante, como mais do que comprovado nestes tempos difíceis da pandemia no Brasil e no mundo.

**Erika Palomino é jornalista,
autora de "Babado Forte" e "A Moda".
Desde fevereiro de 2019 é diretora do CCSP.**

Divindades Ancestrais

Tranças e franjas ornamentam
o sagrado e as potências femininas.

MODA
JAL VIEIRA

FOTO
RAQUEL ESPÍRITO SANTO

BELEZA
LGBeauté | MAGÔ TONHON, MARIA ÁGATA IGNÁCIO e RAPHA DA CRUZ

com IOHANY ALVES, KATÚ MIRIM e MAYARA FERRER

Mayara Ferrer usa vestido em tafetá amassado com bordados em dourado da ópera *Orfeu* (2006), de Claudio Monteverdi, figurino de Naum Alves de Souza e Miko Hashimoto; cabeça Raízes Jal Vieira Brand



7

Iohany Alves usa
camisa com gola de
babado tripla da ópera
O Morcego (2011), de
Johann Strauss, figurino
de Olintho Malaquias;
vestido Primícia usado
como saia e pocheife
Primícia Jal Vieira Brand





Katú Mirim usa na cabeça saia em armação de plástico e amarrações em malha formando arabescos do balé *Antiche Danze* (2014), de Mauro Bigonzetti, figurino de Geraldo Lima Júnior; vestido Poesia Jal Vieira Brand; sandália Paula Torres



É a importância da decolonização da moda. Nós, indígenas, sempre somos alvo de muita apropriação cultural. Quando uma pessoa indígena está na frente como protagonista e como modelo em projetos decoloniais, isso acaba trazendo mais visibilidade e quebrando os estereótipos por meio de novas narrativas.

**Katú Mirim,
rapper/modelo**





Maiara Ferrer usa vestido longo estilo grego em malha de algodão da ópera *Manon Lescaut* (2015), de Giacomo Puccini, figurino criado por Marina Luxardo



Iohany Alves usa casaco curto urdido em perucas de cabelo vermelho da ópera *O Morcego* (2011), de Johann Strauss, com figurino de Olintho Malaquias; vestido Jal Vieira Brand

15

Equipe de fotografia

BIA GARBIER
MARCOS COSTA
VINÍCIUS CORREA

Tratamento de imagem

OKUBO

Depoimentos tirados do documentário
Do Palco às Ruas, do Coletivo Black Pipe

Iohany Alves usa casaco urdido em perucas de cabelo vermelho da ópera *O Morcego* (2011), de Johann Strauss, figurino de Olintho Malaquias; vestido Jal Vieira Brand; saia, body, cinto e cabeça Turbulência Jal Vieira Brand; tênis All Star



CCSP CCSP CCSP CCSP

Drama em Potência Máxima

Patchwork de texturas inesperadas
questiona status e vocação das roupas.

MODA
DIEGO GAMA

FOTO
PEDRO PINHO

BELEZA
ALMA NEGROT

COM BARAKHIAH, NAJA e YVSON

Yvson usa capa frontal em crepe plissado do balé *Paraíso Perdido* (2011/2017), figurino de João Pimenta para coreografia de Andonis Foniadakis; gola rufo acervo Theatro Municipal; bomber e bermuda com aplicação manual de gotículas de silicone sobre moletom de algodão da marca diegogama



Yvson usa ancas falsas em espuma com algodão cru da ópera *As Bodas de Fígaro* (2006), de Wolfgang Amadeus Mozart, figurino de Fábio Namatame e Miko Hashimoto





Naja usa saia evasê em sobreposição de tules do balé *A Sagração da Primavera* (2018), coreografia de Ismael Ivo e figurino de Gabrielle Frauendorf; blusa diegogama com aplicação manual de gotículas de silicone sobre tule de poliamida reproduzindo obra do artista Victor Fidelis

Barakhiah usa como saia capa longa com aplicação de courino em formato de penas, figurino de Fernando Anhô para a ópera *O Rouxinol* (2011), de Igor Stravinsky; camiseta Digitais diegogama feitas com o carimbo do polegar do estilista sobre um polímero de silicone





Barakhiah usa na cabeça protótipo de saia em armação de plástico do balé *Antiche Danze* (2014), de Mauro Bigonzetti, figurino de Geraldo Lima Júnior; calça e blusa Plantação (patchwork de texturas inspirado na zona rural da serra fluminense, em algodão, poliéster, silicone e poliamida), da marca diegogama

Yvson usa capa frontal em crepe plissado do balé *Paraíso Perdido* (2011/2017), figurino de João Pimenta para a coreografia de Andonis Foniadakis; gola rufo acervo Teatro Municipal; bomber e bermuda com aplicação manual de gotículas de silicone sobre moletom de algodão diegogama



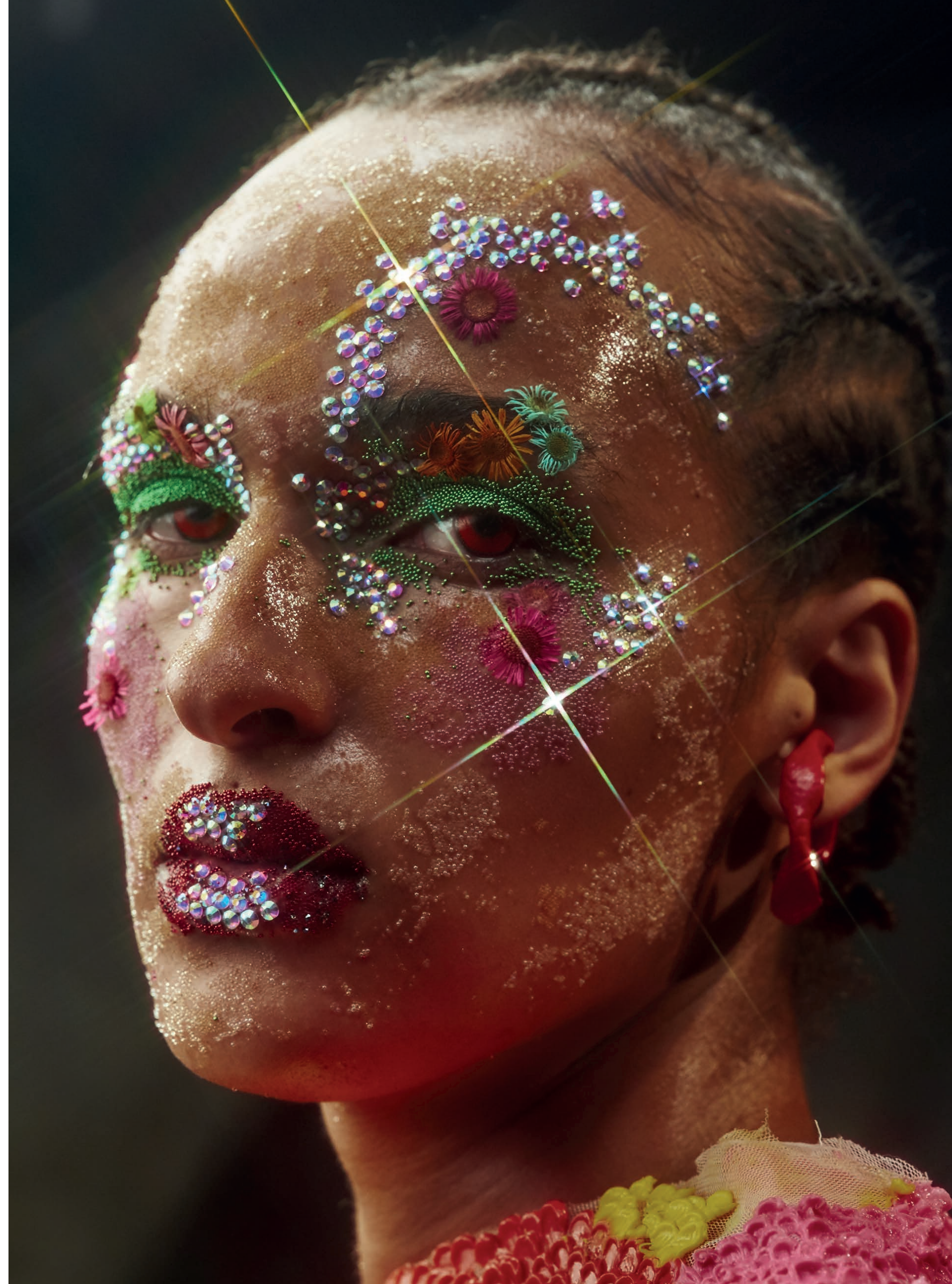
Equipe de fotografia

GABRYEL MATOS
PEDRO LINS

Equipe de beleza

MATHEUS MOTA
ROMULO ARAÚJO
VITÓRIA SANTOS

Naja com make
de Alma Negrot



Um Bom Saravá

A energia da rua e da roda toma conta do Espaço Ademar Guerra.

MODA
HISAN SILVA e DENDEZEIRO

FOTO
EDGAR AZEVEDO

BELEZA
MIKA SAFRO

com GABRIEL PITTA, LUCAS CONCEIÇÃO e MARCELO LIMA

Lucas Conceição usa burca em tecido de malha com pences costuradas externamente em camadas, figurino do balé *Baile na Roça: Coreografias para Portinari* (1998), do estilista Lino Villaventura e criação coreográfica do Balé da Cidade; acessórios Dendezeiro





Lucas Conceição
com vestido longo em
jacquard, corpete
cinturado e saia
pregueada da ópera
La Traviata (2018), de
Giuseppe Verdi, figurino
de Cássio Brasil; tênis
All-Star; outras peças
Dendezeiro



Lucas Conceição em
make de Mika Safro



Burca em manta de algodão cru com
aplicação de tule de Lycra na região
do rosto, peça do balé *Coisas que
nos Ajudam a Viver* (2009), figurino
de Simone Mina para a coreografia
de Susana Yamauchi; tênis All-Star;
acessórios Dendezeiro



Marcelo Lima usa casaco em sarja do balé *Fio da Meada* (2015), figurino do estilista João Pimenta para a coreografia de Gleidson Vigne; outras peças Dendezeiro



Gabriel Pitta usa casaco de costura rústica em tecidos de pele, pelúcia e couro da ópera *Falstaff* (2014), de Giuseppe Verdi, com figurino de Gianluca Falaschi; outras peças Dendezeiro

Lucas Conceição usa burca em tecido de malha com pences costuradas externamente em camadas, figurino do balé *Baile na Roça*; *Coreografias para Portinari* (1998), do estilista Lino Villaventura; acessórios Dendezeiro; criação coreográfica do Balé da Cidade de São Paulo



SOBRE DISSIDÊNCIAS E MEMÓRIAS VESTIDAS

Por Hanayrá Negreiros

Sankofa é uma maneira de entender o mundo. Aprendida através das cosmologias dos povos Akan, de Gana e Costa do Marfim, essa leitura de mundo nos conta que não é errado voltar ao passado para que, no presente, saibamos o futuro a seguir. Bom, esta é uma leitura minha, uma afro-diaspórica brasileira que, ao me deparar com essa filosofia, entendeu o porquê de o passado e as memórias serem tão importantes. A história de *Sankofa* também pode ser contada como a de um pássaro que possui a cabeça constantemente voltada para trás, em busca de algo que talvez possa ter ficado pelo caminho: “nunca é tarde para voltar e apanhar o que ficou para atrás”. O pássaro, porém, possui os pés voltados para frente, mantendo um equilibrado diálogo com o futuro, com o que está por vir.

Voltemos ao passado, então.

Era final de 2020 quando as acomodações do Centro Cultural São Paulo foram tomadas por várias camadas. Não só de tecidos e trajes de cena², mas também de corporeidades carregadas de histórias e memórias que, por sua vez, há séculos divergem e insistem em romper com regimes hegemônicos e coloniais que ainda moldam a sociedade brasileira contemporânea. Tais trajes são conhecidos na linguagem das artes cênicas como as roupas que compõem os espetáculos - os bons e conhecidos figurinos, roupas que vestem os corpos que fazem arte.

“Do Palco às Ruas” teve como ponto de partida a pesquisa sobre os figurinos de produções líricas e de dança do acervo do Theatro Municipal de São Paulo. O acervo possui mais de 18.000 trajes, um mar de histórias no qual mergulham Vivi Junqueira e Sandro Freitas. A ideia era deslocar os figurinos para que vestissem outras espacialidades e corporeidades, possibilitando assim que fossem conhecidos por um maior número de pessoas - em especial por gente que nem sempre teve acesso a lugares como a casa de espetáculos mais importante da cidade.

No dia da performance, o prédio do CCSP estava repleto de travestis, bichas pretas, lésbicas, gordas, indígenas e gente das bordas e quebradas do Brasil. Por todo lado se viam outras corporeidades, identidades que aquelas roupas não estavam acostumadas a vestir: como nos diria Gilda de Mello e Souza³, “os espíritos das roupas” foram despertados de um profundo sono e foram convocados a incorporar em outras *corpas*, no feminino e no plural mesmo que é para dar conta da diversidade de experiências e vivências vestidas ali.

Pensemos então em todos aqueles figurinos, desenhados e vestidos anteriormente somente para as pessoas que possuíam acesso ao Municipal, sendo agora vestidas por todas essas corporeidades! Em meio a um contexto pandêmico, diga-se de passagem, e em um ambiente de estéticas do cuidado, foi em “Do Palco às Ruas” a primeira vez que roupas e acessórios que antes só ficavam entre as paredes do acervo foram vistas e sentidas por mais gente. Importante pensarmos também no valor subversivo que foi ocupar os muitos espaços do CCSP, imprimindo marcas múltiplas e experiências capazes de romper com as antigas estruturas, cambiando o antigo estado conservador de uma sociedade que insiste em se apoiar em ideias preconceituosas e fora de moda, com o perdão do trocadilho. Naquele dia, muitas eram as histórias, não só vestidas, mas também performadas, fotografadas, contadas e reelaboradas de maneira dissidente e contemporânea. Histórias contra-hegemônicas e decoloniais.

¹ Em *Adinkra: sabedoria em símbolos africanos*, livro escrito por Elisa Larkin Nascimento e Luiz Carlos Gá, publicado em 2009 pela editora Pallas, podemos conhecer mais sobre o universo de significados dos povos Akan

² Maiores definições sobre trajes de cena podem ser encontradas no livro *Traje de cena, traje de folgado*, organizado por Fausto Viana e Carolina Bassi e publicado em 2014 pela Estação das Letras e Cores em 2014.

³ Em *O espírito das roupas: a moda no século dezenove*, publicado em 1987 pela Companhia das Letras, Gilda reflete sobre o papel do vestir e o entendimento da moda como arte para algumas camadas da sociedade oitocentista.

E por falar em processos de combate à colonialidade, a descolonização, como nos indica bell hooks⁴ citando os pensamentos de Samia Mehrez, continua a ser um ato de confrontação com o sistema de pensamento hegemônico; é, consequentemente, um imenso processo de libertação histórica e cultural. Ao transpor as roupas antes exclusivamente usadas em espetáculos em palcos “de elite”, como o do Theatro Municipal, foi possível tecer outras histórias para aquelas peças, alcançando também todas as pessoas que ali trabalharam na reelaboração não só das vestimentas, mas também das memórias que elas carregam em sua estrutura.

SOBRE MEMÓRIAS E IMAGENS DE MODA, ONTEM, HOJE E SEMPRE

Repensar o acervo de peças do Theatro e os seus lugares de memória, retirando as roupas dos seus antigos espaços, é reformular a narrativa escrita e costurada até então, sem comprometer que os objetivos iniciais de tais vestires fossem alterados: o da arte e o do espetáculo em si. Penso na riqueza desta performance, que possibilitou todas essas “dissidências vestidas”, entregando para as peças novos significados à luz do vestir atual, camadas necessárias para driblar as heranças coloniais das nossas histórias com a moda como a conhecemos.

Vicenta Perrota, uma das artistas convidadas para compor essa grande equipe criativa, falou sobre resignificar o passado e as modelagens coloniais que não mais cabem nas corporeidades brasileiras. Já Rafa Kenedy, ao elaborar as suas imagens, construiu um imaginário de vida travesti, naturalizando essa existência e nos entregando através de seu olhar a possibilidade de se pensar que uma travesti viva no Brasil é ato de insurgência e de luta pela vida. Jal Vieira também refletiu sobre ser mulher, estilista e lésbica negra, trazendo para a performance suas vivências e o poder enunciativo que têm mulheres que amam outras mulheres (parafrazeando Audre Lorde⁵).

O Coletivo Coletores, um dos times responsáveis por construir e documentar as imagens geradas ali, também nos apresentou a ideia de *Sankofa*, preenchendo os espaços do prédio compostos de ar e concreto com as alterações do tempo, ou melhor, dos tempos que de maneiras não cartesianas nos ajudam a projetar futuros possíveis e mais auspiciosos para todes com a existência dessas pessoas juntas. A Black Pipe, time composto por criadores negres, ficou responsável também por documentar em imagem e som todo o tecer dessas histórias. Por meio da ideia de atos é possível ver, ouvir e entender sobre a performance que extrapola o fazer artístico, tornando-se sobretudo um fazer político.

Como brilhantemente nos elucidou Neon Cunha: “aquelas que (antes) não eram humanas, hoje produzem um futuro mais digno.” É... Estamos mesmo costurando outras histórias de moda neste país.

Hanayrá Negreiros é mestra em Ciência da Religião pela PUC-SP, pesquisadora independente em moda e cultura e colunista na ELLE Brasil.

⁴ *Olhares negros: raça e representação*, bell hooks com tradução de Stephanie Borges, publicado pela Editora Elefante, 2019, pág. 31.

⁵ Audre Lorde em “*Sou sua irmã: escritos reunidos*”, publicado no Brasil pela Ubu Editora em 2020.

Princesas, rainhas e reis

A realeza dos povos africanos
chega, imponente, aos dias atuais.

MODA
LU BIG QUEEN

FOTO
RODRIGO LADEIRA

BELEZA
MIKA SAFRO e VALE SAIG

com JAPHETTE OZIAS NINNIBLA LANTONKPODE e ZULU DOM BLACK

Japhette Ozias Ninnibla Lantonkpode
usa vestido longo em organza com
sobreposição de renda bordada
da ópera *A Filha do Regimento* (2007),
de Gaetano Donizetti,
figurino de Marcelo Marques



Zulu Dom Black usa sobretudo em plush com aplicação de pintura da ópera *Fosca*, de Antonio Carlos Gomes, montagem de 2016 com figurino de Stefano Poda



47

*Por meio da narrativa
fotográfica e das
poses das modelos,
a ideia aqui é criar
imagens afirmativas,
ressignificando roupas de
época e as trazendo para
nosso contexto histórico e
visual de identidade como
corpo preto e gordo.*

**Lu Big Queen,
estilista**



Japhette Ozias Ninnibla Lantonkpodé
usa microvestido em algodão rústico
telado e tingido acervo Teatro
Municipal; afrochete Sandro Freitas

Japhette Ozias Ninnibla Lantonkponde
usa no pescoço saia em armação de plástico e
amarrações em malha formando arabescos, peça do balé
Antiche Danze (2014), de Mauro Bigonzetti, com figurino
de Geraldo Lima Júnior; vestido acervo Theatro Municipal



Zulu Dom Black usa casaco de costura rústica em tecidos de pele, pelúcia e couro da ópera *Falstaff* (2003/2014), de Giuseppe Verdi, com figurinos de Gianluca Falaschi



Alphette Ozias Ninnibla Lantonkpodé usa vestido em tafetá plissado de modo artesanal da ópera *Aída* (2013), de Giuseppe Verdi, figurino de Simona Morresi



Zulu Dom Black em beleza de
Mika Safo e Vale Saig



Assistência Vale Saig
PRISCILA BISPO

Depoimento tirado do documentário
Do Palco às Ruas, do Coletivo Black Pipe

Japhette Ozias Ninnibla Lantonk pode
usa vestido em organza com sobreposição de renda
bordada da ópera *A Filha do Regimento* (2007), de
Gaetano Donizetti, figurino de Marcelo Marques



Ária Indígena

Capas e quimonos demarcam territórios para trajes de cena.

MODA
DAY MOLINA

FOTO:
KARLA BRIGHTS

BELEZA
MAX WEBER

com JESSICA RIBEIRO, NABILLAH e RENATA BASTOS



Jessica Ribeiro usa blusa em neoprene da ópera *Pedro Malazarte* (1994), de Camargo Guarnieri e Mário de Andrade, figurino de Caio Rocha

Nabillah usa armação para cabeça elaborada com pelúcia, lantejoulas, penas, plumas e sobras de tecidos diversos do balé *Paraíso Perdido* (2011/2017), de Andonis Foniadakis, com figurino de João Pimenta; capa medieval longa com capuz em veludo molhado da ópera *Sansão e Dalila* (2008), de Camille Saint-Saëns, figurino de Marcelo Marques





Jessica Ribeiro usa quimono longo da ópera *Madama Butterfly* (2008), de Giacomo Puccini, figurino de Fábio Namatame

Jessica Ribeiro usa capa customizada com apliques de fios de lã grosso, bordados coloridos e peles da ópera *Don Carlo* (2004), de Giuseppe Verdi, figurino de Gabriel Villela



Renata Bastos usa vestido longo e acessório de cabeça com lantejoulas em prata, dourado e cobre, mais capa de penas de *O Menino e os Sortilégios*, montagem de 2011 da ópera de Maurice Ravel, figurino de Fernando Anhô



Equipe de fotografia
CÁSSIO VICENTE
RESSUMBRAR

Equipe de beleza
ADALBERTO ALVEZ
ISABELLA VECHIATTI

Nabillah usa armação para a cabeça elaborada com pelúcia, lantejoulas, penas, plumas e sobras de tecidos diversos do balé *Paraíso Perdido* (2011/2017), de Andonis Foniadakis, com figurino de João Pimenta; capa medieval com capuz em veludo molhado da ópera *Sansão e Dalila* (2008), de Camille Saint-Saëns, figurino de Marcelo Marques



Roupas para Todas as Corpos

Ocupando o CCSP, musas trans
manifestam o direito à vida.

MODA
VICENTA PERROTA

FOTO
RAFA KENNEDY

BELEZA
LGBeauté | MAGÔ TONHON, MARIA ÁGATA IGNÁCIO e RAPHA DA CRUZ

com DEUZYDARA NOGUEIRA, DILL VASQUES e KATRINA PRETYNHA



Deuzydara Nogueira usa casaco longo com gola e punhos com aplicação de pele da ópera *Sansão e Dalila* (2008), de Camille Saint-Saëns, figurino de Marcelo Marques; top Vicenta Perrotta, calcinha Mel Pinheiro e sapatos Dudu Bertholini

Katrina Prefynha usa saia em tafetá com abertura frontal e sobreposição de volumes nas laterais da ópera *Andrea Chénier* (2006), de Umberto Giordano, com figurino de Fábio Namatame; foto feita na instalação *Plantações de Traveco, para a Eternidade* (2020), de Ventura Profana, no CCSP






74

Eu me sinto confortável ao construir uma imagem de moda que não seja rasa. E não estou falando somente da roupa, mas da pessoa na minha frente, do que ela carrega. É muito simbólico mesmo ter esse acervo do Theatro Municipal vestindo o corpo de uma travesti preta. Esses símbolos atravessados nessa peça a colocam em outro lugar: essa peça nunca mais vai ser a mesma.

**Rafa Kennedy,
fotógrafa**

Deuzydara Nogueira usa casaco lcom gola e punhos com aplicação de pele da ópera *Sansão e Dalila* (2008), de Camille Saint-Saëns, figurino de Marcelo Marques; top Vicenta Perrotta



Dill Vasques usa vestido longo em tafetá com aplicação de renda e pedrarias da ópera *La Traviata*, de Giuseppe Verdi, montagem de 2018 com figurino de Cássio Brasil, foto realizada na instalação *Aqui Nada se Acaba* (2020), da artista Castiel Vitorino Brasileiro, no CCSP

77

Iluminação

DANILO SORRINO

Unhas

PAOLA VELLAZQUES

Depoimento tirado do documentário

Do Palco às Ruas, do Coletivo Black Pipe

Katrina Pretynha segura o trabalho *Espada para Jovens Moças*, de Ventura Profana; parte da instalação da artista no CCSP



Pura coquetterie

Tules, rendas e bordados desenham
e desafiam uma nova elegância.

MODA
SUYANE YNAYA

FOTO
EDGAR AZEVEDO

BELEZA
MIKA SAFRO e VALE SAIG

com RODRIGO SOMÁLIA e SAVANNAH

Rodrigo Somália usa arco com
almofada e luvas acervo Teatro
Municipal; brinco Bottega Online;
regata, corset e saia Juísi





Savannah usa acessório de cabeça e tule com babados acervo Teatro Municipal; vestido, sapatos e luvas Juisi; brincos Bottega Online



Savannah usa armação-saiote com aplicação de renda bordada do acervo do Teatro Municipal; corset e sapatos Juisi; terno Roro Rewind; brincos Fenty

Rodrigo Somália usa
saiote longo com
aplicação de renda
do acervo do Teatro
Municipal; terno, camisa
e sapatos Ricardo
Almeida; gravata Juísi;
corset e brincos B.Luxo



85

Assistência Vale Saig
PRISCILA BISPO

Rodrigo Somália usa armação para a cabeça com penas, plumas e tecido em tela vazada do balé *Paraíso Perdido* (2011/2017), figurino de João Pimenta para a coreografia de Andonis Foniadakis; casaco Juiú; brinco (colocado no casaco) Eduardo Caires; piercing Bottega Online



Quebrada em Gena

Mix de iconografias dos palcos e dos
rolês sacode a pós-modernidade.

MODA
NOVÍSSIMO EDGAR

FOTO
PEDRO PINHO

BELEZA
ALMA NEGROT

com RUTH MACHADO, SAVANNAH e THAYNARA INDAUANA

Thaynara Indauana veste fúncia em
tecidos rústicos e atalhados da ópera
Dom Carlo (2004), de Giuseppe Verdi,
figurino de Gabriel Villela



Ruth Machado veste blusa e saia em tafetá estampado da ópera *Falstaff* (2003), de Giuseppe Verdi, figurino de Fábio Namatame



Thaynara Indauana veste quimono longo em crepe com amarração dourada na cintura em seda e capa sobreposta da ópera *Madama Butterfly* (2000), de Giacomo Puccini, com figurino de Cecília Modesto Lima



Thaynara Indauana veste túnica longa em tecidos rústicos e atalhados com barramento em tecido brilhante da ópera *Dom Carlo* (2004), de Giuseppe Verdi, figurino de Gabriel Villela



Savannah veste capa customizada com tecidos diversos, peça da ópera *Dom Carlo* (2004), de Giuseppe Verdi, figurino de Gabriel Villela

Equipe de fotografia

GABRYEL MATOS
PEDRO LINS

Equipe de beleza

MATHEUS MOTA
ROMULO ARAÚJO
VITÓRIA SANTOS

ASSISTÊNCIA E PRODUÇÃO DE ARTE

LUANA ALMEIDA

Thaynara Indauana veste túnica longa de cetim adornado de renda bordada, pérolas e miçangas da ópera *Dom Carlo* (2004), de Giuseppe Verdi, figurino de Gabriel Villela



O Poder da Gira

Tecidos africanos colocam camadas de cor e axé aos figurinos históricos.

MODA
SUELEN INGRID @ Afroish Concept

FOTO
KARLA BRIGHTS

BELEZA
MAX WEBER

com CHELFA CAXINO, NABILLAH e VIVIANE JUNQUEIRA DOS SANTOS



Nabillah veste calça capri em linhão esmaecido e suspensórios, do balé *Deserto dos Anjos* (2002), coreografia de Cláudia Palma e figurino de Marcos Nasci; outras peças Afroish Concept



Chelfa Caxino veste camisa em tricoline com recorte na altura da cintura do balé *Perpetuum* (2003), coreografia de Ohad Naharin e figurino de Rakefet Levi; outras peças Afroish Concept



Vivi Junqueira veste capa medieval longa com capuz em veludo molhado da ópera *Sansão e Dalila* (2008), de Camille Saint-Saëns, figurino de Marcelo Marques; outras peças Afroish Concept

IOI

Esse vestido foi utilizado pela Áurea Ferreira, a primeira bailarina negra do Teatro Municipal. Ela estava lá, ela estava presente. Mas ninguém contou a história dela. Esse exercício, que é decolonial, proporciona uma leitura sobre isso. Podemos contar várias histórias sobre a presença dos negros nos palcos a partir desses figurinos.

**Viviane Junqueira,
pesquisadora**

Chelfa Caxino com vestido em organza esmaecido estampado com respingos de tinta do balé *Deserto dos Anjos* (2002), com coreografia de Cláudia Palma e figurino de Marcos Nasci



Equipe de fotografia

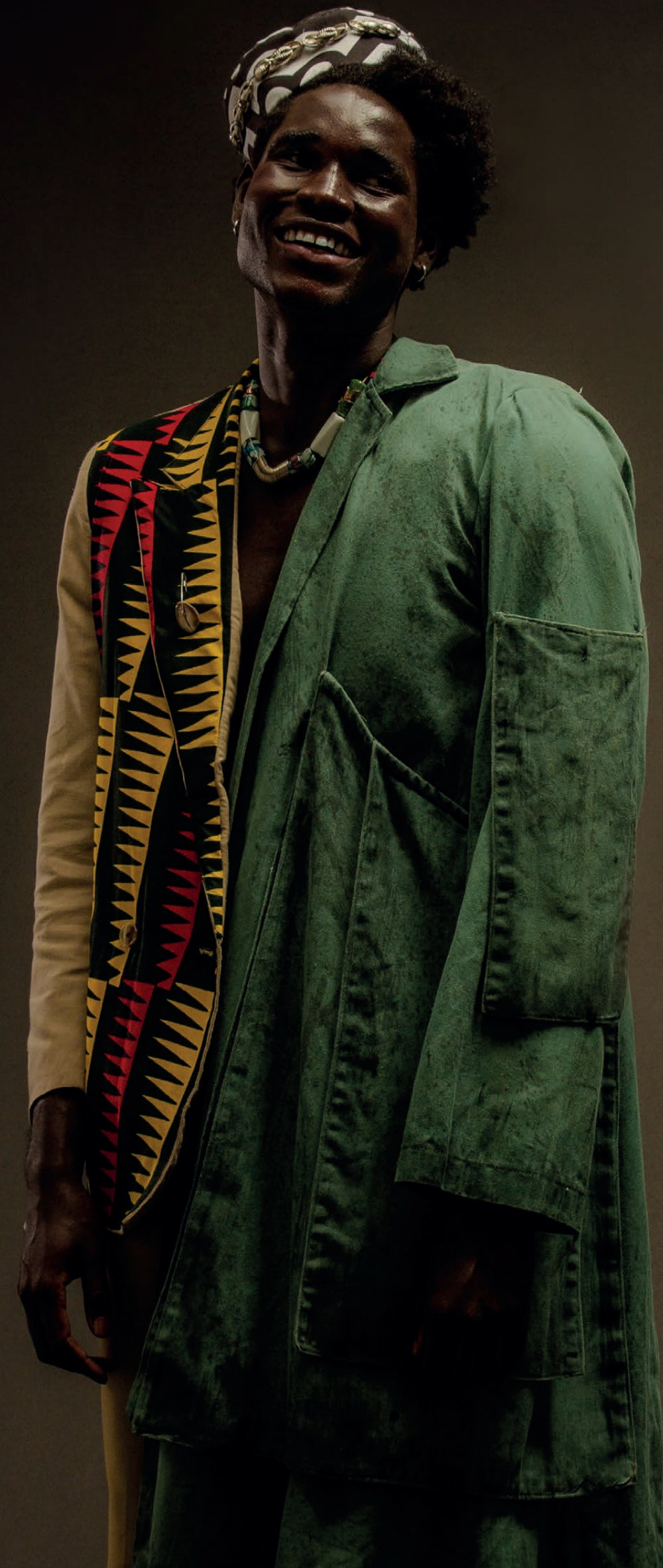
CÁSSIO VICENTE
RESSUMBRAR

Equipe de beleza

ADALBERTO ALVEZ
ISABELLA VECHIATTI

Depoimento tirado do documentário
Do Palco às Ruas, do Coletivo Black Pipe

Nabillah veste sobretudo em brim
envelhecido do balé *Um Passo Acima*
(2002), coreografia de Raymundo Costa
e figurinos de Marcos Nasci;
outras peças Afroish Concept



Tempos e Deslocamentos

Elementos da moda e do zeitgeist ressignificam passado e presente.

MODA
WEIDER SILVEIRO

FOTO
RAQUEL ESPÍRITO SANTO

BELEZA
HELDER RODRIGUES

com CARMELITA, CHELFA CAXINO e NEON CUNHA



Chelfa Caxino usa vestido longo em jacquard, corpete cinturado e saia pregueada da ópera *La Traviata* (2018), de Giuseppe Verdi, figurino de Cássio Brasil; outras peças de Weider Silveiro

Neon Cunha usa vestido curto de corte grego em crepe e chiffon com amarração em faixa na cintura do balé *Paraíso Perdido* (2011/2017), figurino de João Pimenta para a coreografia de Andonis Foniadakis; outras peças de Weider Silveiro



Carmelita usa vestido longuete em tafetá da ópera *The Rake's Progress: A Carreira do Libertino*, de Igor Stravinsky, montagem de 2013 com figurino de Mira Haar; outras peças de Weider Silveiro





A construção da exclusão social por meio da estética inclui a dissidência de corpos e nega a existência de corpos trans, negros, não binários, com deficiência ou com mais tempo de vida. Para que serve uma roupa, um comportamento, se não para produzir o aqui-agora? Aquelas que não eram humanas produzem agora um futuro mais digno.

**Neon Cunha,
publicitária e modelo**



Neon Cunha usa camiseta em malha com aplicação de *silkscreen* da ópera *Falstaff* (2003/2014), de Giuseppe Verdi, figurino de Fábio Namatame e Gianluca Falaschi; outras peças de Weider Silveiro

Carmelita usa saia longa
pregueada em tafetá estampado
da ópera *Falstaff* (2003), de
Giuseppe Verdi, figurino de Fábio
Namatame; outras peças de
Weider Silveiro



Assistência de fotografia
MARCOS COSTA

Assistência de beleza
JULIANA BOENO

Tratamento de imagem
OKUBO

Depoimento tirado do documentário
Do Palco às Ruas, do Coletivo Black Pipe

Chelfa Gaxino usa vestido longo em jacquard, corpete cinturado e saia pregueada da ópera *La Traviata* (2018), de Giuseppe Verdi, figurino de Cássio Brasil; outras peças de Weider Silveiro



CCSP CCSP CCSP CCSP

A Hora das Estrelas

Glamour das divas da ribalta ganha interpretações contemporâneas.

MODA
FABIO COSTA @ NotEqual

FOTO
PEDRO PINHO

BELEZA
ALMA NEGROT

com ARETHA SADICK, CARMELITA e NAJA

Naja usa túnica média com gola militar em algodão, da ópera *Tosca*, de Giacom Puccini, montagem de 2013 com figurino de Simona Morresi; acervo Walerio Araujo





Naja usa vestido em tafetá plissado de modo artesanal da ópera *Aída* (2013), de Giuseppe Verdi, figurino de Simona Morresi; corset NotEqual; véu Carlos Penna

Carmelita usa sobretudo em plush com aplicação de pintura da ópera *Fosca*, de Antonio Carlos Gomes, montagem de 2016 com figurino de Stefano Poda; sari NotEqual; brincos Carlos Penna;



Naja usa túnica média com gola militar em algodão da ópera *Tosca*, de Giacomo Puccini, montagem de 2013 com figurinos de Simona Morresi; camisa NotEqual; colar Carlos Penna; botas Lucas Regal Boots





Aretha Sadick usa túnica longa com cauda e estampa chinesa da ópera *Turandot* (2018), de Giacomo Puccini, com figurino de Sofia Di Nunzio e armação de cabeça elaborada com cabelo do balé *Paraíso Perdido* (2011/2017); coreografia de Andonis Foniadakis e figurino de João Pimenta; calça e boné NotEqual; botas Lucas regal boots

Equipe de fotografia

GABRYEL MATOS
PEDRO LINS

Equipe de beleza

MATHEUS MOTA
ROMULO ARAÚJO
VITÓRIA SANTOS

Carmelita usa capa de cortina em tiras de linha de seda da ópera *Sheherazade*, de Rimsky-Korsakov, versão de Maurice Ravel de 2008 com figurinos de Fernando Anhô



DO PALCO ÀS RUAS: NOTAS SOBRE A PESQUISA

Por Viviane Junqueira dos Santos

O vestuário, como todas as demais criações humanas, é produtor de sentidos e discursos. No âmbito da ópera e da dança, o figurino ou traje de cena é um elemento inseparável da produção teatral e, como tal, acrescenta camadas de informações sobre o espetáculo. O traje de cena pode ajudar a compreender o contexto, o lugar da personagem, suas passagens, as mudanças que ocorrem junto com o cenário e a historiografia da produção. Dependendo do tipo de criação, o figurino pode expressar, inclusive, o espírito do espetáculo.

Pelas habilidades em pesquisa, por um período de 15 meses, fui guardiã de um conjunto de 745 peças de figurinos do Acervo do Theatro Municipal de São Paulo e do Balé da Cidade de São Paulo. Como antropóloga e pesquisadora, foi necessário buscar referências no campo das visualidades da cena, da conservação têxtil, da história da Ópera e do BCSP e suas produções, diretores, cenógrafos, regentes, autores e sobretudo sobre os seus figurinistas. Nesta lista, encontramos nomes como

Di Cavalcanti, Burle Marx e Lasar Segall. Também há figurinos criados pela Casa Teatral (1948), de Heitor dos Prazeres; Tomás Santa Rosa; Dener Pamplona de Abreu; Rosa Magalhães; Hélio Eichbauer; Naum Alves de Souza; Gianni Ratto; Aldo Calvo; Fernando Anhê; Fábio Namatame; Mira Haar;

Simona Morresi; Colomba Leddi; Lorenzo Merlino e outros. Já o acervo do BCSP conta com figurinos de Madalena Machado; João Pimenta; Flávio Império; Lino Villaventura; Murilo Sola; Simone Mina; Márcia Nachbar, Cássio Brasil e outros figurinistas de renome.

Nesse período, debruçei-me por longas jornadas de trabalho solitário que, por conta da pandemia, foram traduzidos em visualizações de espetáculos e entrevistas, leituras, poucas e preciosas conversas para saber o que cada peça poderia me revelar sobre ela mesma e todo o contexto que a envolvia desde sua produção até tempos posteriores ao da sua presença nos palcos. O encontro presencial com as peças aconteceu antes da retirada para empréstimo apenas uma vez com cada uma, mas foi impactante. Acredito que elas tenham exercido alguma fascinação sobre os meus sentidos. Talvez pelo fato de estar tomada pelas muitas narrativas e contranarrativas que as abrangia. Presencialmente, as descobertas foram mais intensas: sentir os tecidos com os quais as peças foram produzidas, a identificação que confirmavam ou não meus estudos da origem, o nome do solista/personagem que a utilizou gravado na etiqueta da peça, a certeza sobre o ano de sua criação. Muitas vezes, deparei-me, também, com a ausência de dados que pudessem indicar-me um caminho; sinto que, por inúmeros motivos, o reconhecimento não tenha ocorrido para todos os trajes. Por outro lado, à medida que o trabalho de catalogação se cumpria, o termo que se conectava com a experiência simbólica desta aptidão foi: resiliência — aqui, entendida como a capacidade de retornar à forma original quando somos afetados por alguma mudança. Foi a resiliência que me permitiu coletar algumas memórias e realizar o registro dessas narrativas.

Entre elas, a de um vestido do balé *“Cenas de Família”* (1978), figurino dos mais antigos dos BCSP. A relevância histórica do espetáculo e sua criação foram tão expressivas que resultaram numa continuidade da história 37 anos depois, no espetáculo *“Cenas A 37”*. De um dos vestidos do figurino original, criado por Murilo Sola, foi produzida uma cópia, usando os mesmos tecidos e tipo de costura utilizados à época. A reprodução do traje torna o original uma verdadeira obra de arte do figurino teatral.

O balé *“Dama das Camélias: um Delírio Romântico”* (1983) foi um marco para a equipe do BCSP, pois não foi um espetáculo com um único coreógrafo responsável pela concepção e criação das coreografias. Uma inovação na dança para a época. O trabalho foi concebido e roteirizado para a dança por um diretor de teatro (José Possi Neto) que, após ter realizado o roteiro e concebido as personagens centrais, iniciou uma fase de pesquisa por meio de improvisações junto aos bailarinos, com o intuito tanto de induzi-los no universo do espetáculo quanto de levantar o repertório de movimentos

sobre os quais seria criada a linguagem do mesmo espetáculo. A beleza do figurino está na exuberância dos vestidos de época, todos concebidos pelo renomado e requisitado estilista João Santaella Júnior.

O contexto da pesquisa me levou a ficar atenta às narrativas de artistas negras e negros presentes na ópera e no balé, conhecer e revelar as histórias de Áurea Ferreira, primeira bailarina negra do Theatro Municipal, do surpreendente Olintho Malaquias, um dos figurinistas mais premiados do Brasil, além de o artista plástico Heitor dos Prazeres, que produziu parte dos figurinos e do cenário que compuseram o *“Balé do 40 Centenário da Cidade de São Paulo”* (1954), um dos marcos coreográficos e cenográficos da história da dança no Brasil.

O balé *“Z: Uma Festa para Zumbi”* (1995), criado a partir de uma música de Gilberto Gil, foi inspirado no líder negro Zumbi dos Palmares, cujos 300 anos de morte foram lembrados em 1995. Com a criação da dançarina e coreógrafa senegalesa Germaine Acogny, a proposta do espetáculo projetou o Balé da Cidade de São Paulo, despertando o interesse dos programadores e lançando a companhia em carreira internacional.

Hoje, o Acervo do Theatro Municipal de São Paulo possui cerca de 18.000 peças, sendo que 3.000 estão catalogadas e disponibilizadas para pesquisa pública. Com o resultado da identificação de 745 trajes de cena, encontramos diferentes enredos que revelam uma boa parte da história da moda e da criação de figurinos no Brasil. Imaginemos, então, a potência do acervo para as presentes e futuras gerações. Vamos lá criar esse mundo logo.

VIVIANE JUNQUEIRA DOS SANTOS é antropóloga. Há 23 anos coordena projetos em cultura e meio ambiente em comunidades indígenas e tradicionais no Brasil.

Romance Afrofuturista

Tecnologias teletransportam peças
de ópera e dança para dias melhores.

MODA
RAFA SILVÉRIO

FOTO
RAQUEL ESPÍRITO SANTO

BELEZA
LGBeauté | MAGÔ TONHON, MARIA ÁGATA IGNÁCIO e RAPHA DA CRUZ

com IOHANY ALVES e ZEH MOREIRA

Zeh Moreira veste sobretudo médio
e calça em linhão da ópera *Manon
Lescaut* (2015), de Giacomo Puccini;
figurino de Marina Luxardo; cinturão
em couro rústico com saíote lateral em
crepe plissado do balé *Paraíso Perdido*
(2011/2017), com coreografia de Andonis
Foniadakis e figurino de João Pimenta





Zeh Moreira veste calça de cintura baixa em voil e aplicação de pérolas da ópera *Os Pescadores de Pérolas* (2017), de George Bizet; figurino do acervo do Theatro Municipal desenvolvido a partir do original de Naum Alves de Souza; colete em tricoline de algodão com babados e botões em pérolas do balé *Perpetuum* (2003), coreografia de Ohad Naharin de com figurinos de Rakefet Levi

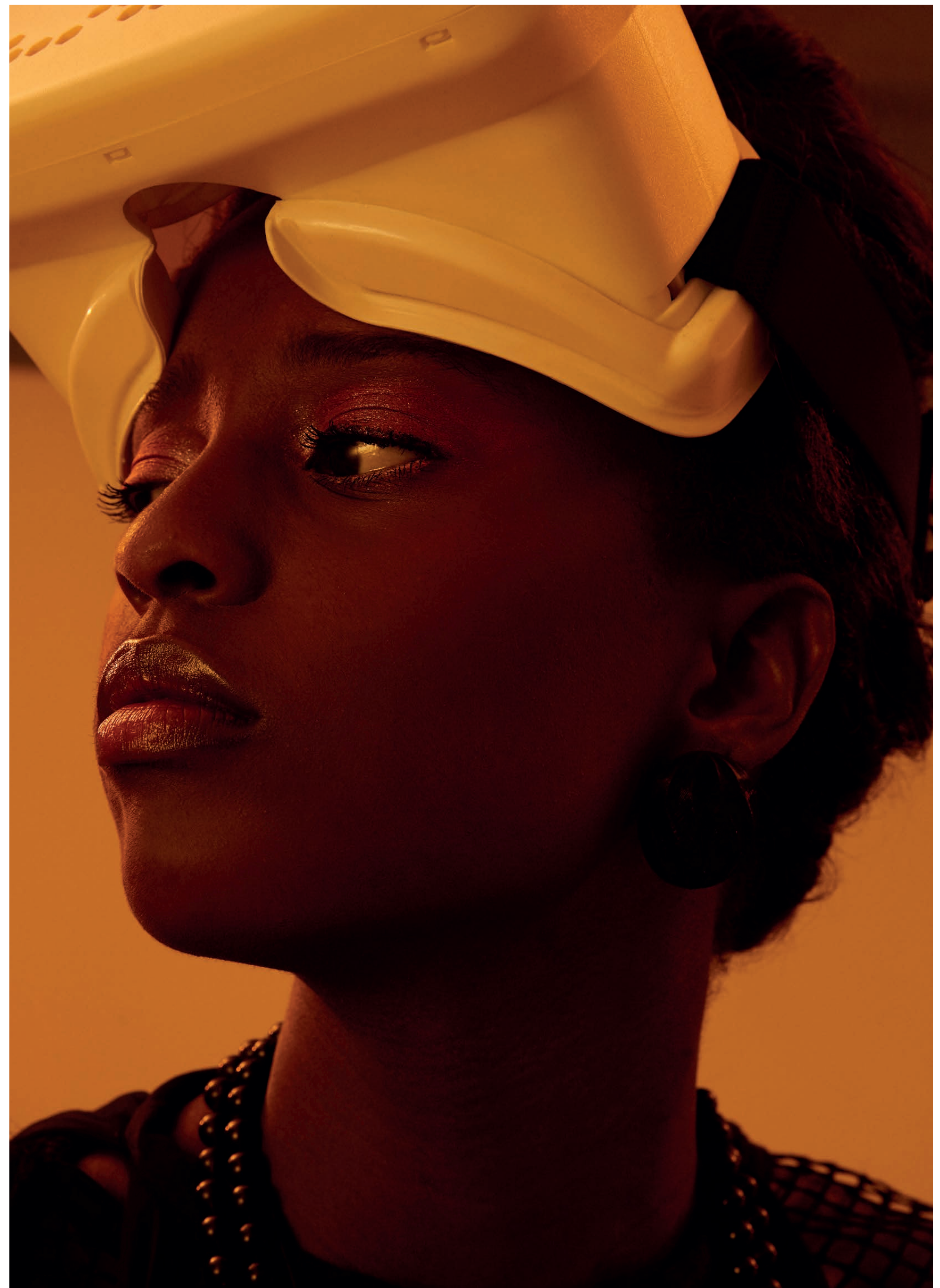


Iohany Alves veste blusa em tela vazada com aplicação de cabelos e vestido em chiffon e crepe do balé *Paraíso Perdido* (2011/2017), com coreografia de Andonis Foniadakis e figurinos de João Pimenta



Iohany Alves usa macacão em tule com aplicação de renda do balé *Paraíso Perdido* (2011/2017), com coreografia de Andonis Foniadakis e figurino de João Pimenta; blusa em voil com aplicação de pérolas da ópera *Os Pescadores de Pérolas* (2017), de George Bizet, do acervo do Theatro Municipal desenvolvido a partir do figurino original de Naum Alves de Souza

Iohany Alves com
beleza de LGBeauTÉ |
Magô Tonhon,
Rapha da Cruz e Maria
Ágata Ignácio



Equipe de fotografia

BIA GARBIER
MARCOS COSTA
VINÍCIUS CORREA

Tratamento de imagem

OKUBO

Iohany Alves usa macacão em tule com aplicação de renda do balé *Paraíso Perdido* (2011/2017), com coreografia de Andonis Foniadakis e figurino de João Pimenta; blusa em voil com aplicação de pérolas da ópera *Os Pescadores de Pérolas* (2017), de George Bizet, do acervo do Theatro Municipal a partir do figurino original de Naum Alves de Souza

Zeh Moreira veste calça de cintura baixa em voil e aplicação de pérolas da ópera *Os Pescadores de Pérolas* (2017), de George Bizet; figurino do acervo do TMSP a partir do figurino original de Naum Alves de Souza; colete em tricoline de algodão com babados e botões em pérolas do balé *Perpetuum* (2003), coreografia de Ohad Naharin com figurino de Rakefet Levi



Quem Viu, Quem Fez, Quem Vestiu

Ensaio questiona mãos e corpos que tiveram acesso às roupas dos palcos.

MODA
PEDRO BATALHA e DENDEZEIRO

FOTO
EDGAR AZEVEDO

BELEZA
MIKA SAFRO

com LUCAS CONCEIÇÃO, MAYARA FERRER e SARA FLOR



Lucas Conceição usa vestido longo com estampas geométricas e decote em tule da ópera *Eugene Onegin* (2015), de Tchaikovsky, figurino de Lorenzo Merlino

Mayara Ferrer usa vestido longo em cetim com aplicação de flores e correntes douradas da ópera *Sansão e Dalila* (2008), de Camille Saint-Saëns, com figurino de Marcelo Marques



Sara Flor usa vestido longo em renda com Lycra da ópera *Romeu e Julieta* (2004), de Charles Gounod, adaptada de William Shakespeare, com figurinos de Fábio Namatame e Miko Hashimoto



Sara Flor usa vestido micro em tafetá do balé *Giselles* (2010), coreografia de Luís Fernando Bongiovanni e figurinos de Marcia Nachbar



Mayara Ferrer usa vestido curto frente única em crepe plissado e cinturão em linho rústico com saíote lateral plissado do balé *Paraíso Perdido* (2011/2017), com coreografia de Andonis Foniadakis e figurinos de João Pimenta

Lucas Conceição usa vestido longo com estampas geométricas e decote em tule da ópera *Eugene Onegin* (2015), de Tchaikovsky, com figurinos do estilista Lorenzo Merlino



Tribos Urbanas

Habitantes de uma metrópole sem gênero desafiam conceitos de ontem.

MODA
EDUARDO ARAÚJO SILVA (DUDX)

FOTO
RAFA KENNEDY

BELEZA
LGBeauté | MAGÔ TONHON, MARIA ÁGATA IGNÁCIO e RAPHA DA CRUZ

com GZBEL, REVOAR SABINO e ZEH MOREIRA



GZBEL usa gola e vestido em tricoline com poliéster do acervo do Theatro Municipal; colete em linho e aplicação de renda do balé *Paraíso Perdido* (2011/2017), com coreografia de Andonis Foniadakis e figurinos de João Pimenta

Zeh Moreira usa capa longa em jacquard da ópera *Eugene Onegin* (2015) de Tchaikovsky, figurino de Lorenzo Merlini; sobretudo em jacquard estampado com aplicação de penas do balé *Paraíso Perdido* (2011/2017), coreografia de Andonis Foniadakis e figurinos de João Pimenta



Revoar Sabino usa
macacão em tule com
aplicação de renda do
balé *Paraíso Perdido*
(2011/2017), com
coreografia de Andonis
Foniadakis e figurino
por João Pimenta





Revoar Sabino usa sobretudo médio e calça em linhão da ópera *Manon Lescaut* (2015), de Giacomo Puccini, figurino de Marina Luxardo



Assistência de moda

ANNA OPERMAN

Unhas

ANNA OPERMAN

MAZZÉ

Esculturas

JUNIARA ALBUQUERQUE

Agradecimentos

ANNA OPERMAN

CIDA SOUSA

EDUARDO LAURINO

EUNICE BAÍA

FELIPE GHIANCA

PEPA CAETANO

RONALDA BI

SANDRO FREITAS

VIVIANE JUNQUEIRA DOS SANTOS

Reoar Sabino usa macacão em tule com aplicação de renda do balé *Paraíso Perdido* (2011/2017), com coreografia de Andonis Foniadakis e figurino de João Pimenta



Do Palco ao Carnaval

Elementos de fantasias do samba se misturam com alegria ao classicismo.

MODA
ALEXANDRE DOS ANJOS

FOTO
RAQUEL ESPÍRITO SANTO

BELEZA
HELDER RODRIGUES

com HENRIQUE ALVES, NATASHA OLUBUSAYO e RUTH MACHADO

Ruth Machado veste colete em couro com aplicação de soutaches de metal da ópera *O Morcego* (2011) de Johann Strauss, com figurino de Olintho Malaquias; adereço de cabeça, colar, sapato e joelheiras Alexandre dos Anjos



Ruth Machado usa quimono longo da ópera *Madama Butterfly*, de Giacomo Puccini (2008) dos figurinistas Fábio Namatame; capacete, saia metalizada, overshirt estampada, camisa estampada, saia e sapatos Alexandre dos Anjos

Na página ao lado, Henrique Alves usa como saia quimono longo em crepe com amarração dourada na cintura em seda da ópera, *Madama Butterfly* de Giacomo Puccini (2000), dos figurinistas Cecília Modesto Lima; adereço de cabeça, acessórios, cinto e bota Alexandre dos Anjos





Henrique Alves usa parangolé em tecido impermeável do balé *Um Jeito de Corpo* (2018); com coreografia de Morena Nascimento e figurino de Isadora Gallas; jaqueta, shorts e bota Alexandre dos Anjos; meia Adidas



Henrique Alves usa como saia quimono longo em crepe com amarração dourada na cintura em seda da ópera, *Madama Butterfly* de Giacomo Puccini (2000) dos figurinistas Cecília Modesto Lima; adereço de cabeça, acessórios, cinto e bota Alexandre dos Anjos

Assistência de fotografia

MARCOS COSTA

Tratamento de imagem

OKUBO

Assistência de moda

TATIANA LIE IWASA

Assistência de beleza

JULIANA BOENO

Agradecimentos

KARLLA GIROTTI

RAYMUNDO COSTA

VIVIANE JUNQUEIRA DOS SANTOS

WALAMIS SANTOS

Natasha Olubusayo usa body com micro saia em viscolycra do balé *Giselles* (2010) de Luís Fernando Bongiovanni e figurino de Marcia Nachbar



FIGURINISTAS PRESENTES NO AGERVO

Por Viviane Junqueira dos Santos

BALÉ

Cassiano Grandi

Começou a carreira como modelo e atualmente é fotógrafo e visagista. Assinou os figurinos de Wii Previsto em 2009; Abrupto em 2013 e Cena A37 em 2015, Paralaxe de Paranóias, 2010; Chroma_Aqui e Desorientações de Wii e Som, 2011, e Oroboro, em 2013.

Gabrielle Frauendorf

Formou-se como fotógrafa. Em 1995, passou a atuar mais como figurinista para ópera, balé, drama, grandes eventos esportivos e dança contemporânea. Trabalhou em estreita colaboração com Ismael Ivo (dança contemporânea) e Marcia Haydée (até 2001) nas seguintes produções: DIONYSOS (Jena 1999) TRISTAN E ISOLDA (Theaterhaus Stuttgart 1999) AURA (Ópera Estadual Rio de Janeiro 2000) THE TEMPEST (Stadthalle Like 2000) MEDEIA (Ankara State Opera 2001) ERENDIRA (La Biennale di Venezia, 3º festival internazionale di danza contemporanea 2005) ILUMINATA (La Biennale die Venezia / Teatro Comunale di Bolzano 2006) BIBLIOTECA DEL CORPO (La Biennale die Venezia 2012) BUTTERFLY EFFECT (Festival Tones on Stones Verbania 2012) MISHIMA (Napoli teatro Festival Italia 2013). Assinou o figurino de A Sagração da Primavera em 2018. Ela também trabalhou com vários diretores no Theatre Bremen, Magdeburg, Leipzig, Nuremberg, Wiesbaden, Krystall Palast Varieté Leipzig e Hebbel am Ufer Berlin.

Geraldo Lima Júnior

Doutor e Mestre em Design pela Universidade Anhembi Morumbi, onde também concluiu a Pós-Graduação Latu Senso em Neurociência aplicada à Educação (2016) e em Moda, Arte e Cultura. Designer de moda e figurino, graduado em Desenho Industrial pela Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG). Em 2002, iniciou pesquisa a respeito da relação entre as pessoas com deficiência visual e a moda, que resultou no lançamento da coleção Olhar – Olhares pela marca Uranio, na qual implantou, então, etiquetas em Braille, com indicação de cores nas peças de roupas. Este estudo ganhou embasamento a partir do curso de Pós-Graduação em Moda, com especialização em Arte e Cultura, concluído na Universidade Anhembi Morumbi, em São Paulo. Em continuidade e com o objetivo de aprofundar ainda mais estas investigações uma nova pesquisa foi realizada e concluída visando o Mestrado em Design na mesma instituição. Outro campo de atuação se liga às Artes Cênicas com a criação de figurinos para espetáculos de teatro, dança e shows musicais e, também, a relação entre moda, arte e tecnologia com o desenvolvimento dos projetos NeuroBodyGame e BioBodyGame, Vivo Desnudo e Por Não Ser Existindo. Professor Colaborador no Programa de Pós-Graduação em Design da Universidade do Estado de Minas Gerais. Professor Colaborador no Programa de Pós-Graduação em Design da Universidade Anhembi Morumbi. Professor dos cursos Design de Moda e Negócios IOI da Moda da Universidade Anhembi Morumbi, instituição em que também é docente no curso de Pós-Graduação Neurociência aplicada à Educação, na Pós-Graduação Master em Negócios e Varejo de Moda. Atua principalmente nos temas design, moda, percepção, cultura, arte e figurino.

Helena Lozano

Artista plástica da Fundação Gulbenkian de Portugal, onde criou diversos cenários e figurinos para os espetáculos para a instituição e internacionalmente.

Igor Alexandre Martins

Artista visual e cenógrafo, formado em bacharelado e licenciatura pela UNESP Instituto de Artes, possui formação técnica em Desenho de Comunicação, Design de Interiores e Cenografia pelo Espaço Cenográfico de J.C Serroni. Trabalha dezoito anos como cenógrafo nas diversas vertentes da cenografia, do projeto ao processo de execução. Desenvolveu pesquisa com ênfase em cenografia intitulada Arthur Bispo do Rosário e a Cenografia do Sagrado e, atualmente, é educador-formador/artista residente da SP Escola de Teatro, além de manter um ateliê de cenografia: Círculo Cenografia, com foco na pesquisa artística e execução de projetos cenográficos e de performance design.

Isadora Gallas

Figurinista e diretora de arte. Assinou o figurino do balé Um Jeito de Corpo.

Jacqueline Terpins

Artista brasileira que há mais de 20 anos convive na arte e no design. Formada em Comunicação Visual pela Escola de Belas Artes da UFRJ (Rio de Janeiro), estudou técnicas de vidro soprado na Penland School of Art and Craft (EUA) e na Pilchulk Glass School (EUA), também estudou desenho na Byam Shaw School of Art (Inglaterra). Estudou, durante a década de 70, com Anna Bella Geiger, Frederico de Moraes, Ivan Serpa e Lygia Pape. Jacqueline é comumente referida por seu trabalho em cristal soprado ou vidro plano. No entanto, sua estética minimalista aliada à uma busca orgânica a torna proeminente e também reconhecida por seu trabalho com madeira, corian ou metais. Assinou o figurino da ópera Édipo Rei.

João Pimenta

Nascido em São Sebastião do Paraíso (MG), desfilou sua primeira coleção na São Paulo Fashion Week (Verão de 2011) em julho de 2010. Desde 2003, quando começou a assinar a própria marca, a intenção é alertar aos homens de seu poder, liberdade e necessidade de inovar. Desenvolve figurinos para teatro, dança, cinema e música. Na música, vem desenvolvendo peças para os cantores Nando Reis, Filipe Castro, Thiago Pethit, Emicida, entre outros. No teatro trabalha para grupos como Sobrevento e os últimos espetáculos dos diretores da nova geração, Leo Moreira (Ficção, Ensaio, O silêncio depois da chuva). Na dança, fez figurinos para o BCSP (Paraíso Perdido e Tato), dentre outros grupos.

João Santaella Júnior

Renomado estilista, figurinista e designer brasileiro. Também é renomado por criar vestidos de noiva personalizados. Assinou o figurino de teatro e dança como A Dama das Camélias: um Delírio Romântico, Tartufo e Vitor ou Vitória.

Márcia Nachbar

Formada em Moda (1994) pela Universidade Anhembi-Morumbi e formada pelo Fashion Instituto of Technology em História da Moda. Desenvolve seu trabalho em coordenação de moda especialmente para TV e publicidade, mas também teatro e Cinema onde realiza criação e caracterização de personagens. Assinou o figurino do balé Giselles.

Lino Villaventura

Como estilista inaugurou sua primeira loja em Fortaleza com Inez, sua companheira e sócia. Dois anos depois, a mídia nacional descobriu seu talento e, a partir daí, sua carreira foi se consolidando. É um dos representantes mais significativos da moda brasileira. Presente no São Paulo Fashion Week desde a sua primeira edição, em julho de 1996, seu estilo encanta pela magia, suntuosidade e exuberância de seus desfiles. Um de seus melhores trunfos é a arte de tinturar e transformar tecidos. Instigante, utiliza materiais que fogem do óbvio para criar novas texturas, nervuras e patchworks. Tanto na passarela como fora dela, suas criações são impactantes e possuem identidade, com um marcante caráter artesanal. Nos anos 1990, ele passou a desenvolver também figurinos para grandes filmes e espetáculos. Foi o criador do figurino do balé Baile na Roça, em 1998. Suas peças são encontradas em diversas cidades brasileiras. Fora do país, suas roupas são vendidas na Europa e Oriente Médio.

Marcos Lima

Diretor de teatro, cenógrafo, roteirista e figurinista. Concebeu e participou de mais e 29 espetáculos de teatro ao longo de pouco mais de duas décadas. Entre elas: Histórias de Nova York, Circus, Alice, Joana Dark. Assinou conjuntamente com IO3 Jacqueline Terpins o figurino de Édipo Rei. Foi premiado na 7ª Edição do Prêmio Bibi Ferreira pela cenografia de Num Lago Dourado.

Marcos Nasci

Cenógrafo e figurinista. Participou dos espetáculos O Círculo das Luzes (2002), A Casa de Bernarda Alba (2003), Alice (2003), Miserê Bandala (2006), A Última é a Penúltima e Ídiche Mamma Mia (2006). Assinou os figurinos dos balés Um Passo Acima e O Deserto dos Anjos. Participou de diversas Semanas da Moda 2001 apresentando sua grife, Superonic.

Murilo Sola

Figurinista renomado, recebeu o Prêmio Governado do Estado de SP em 1988 pelo figurino de Villa-Lobos das Crianças. Trabalhou com Flávio Império em Othello (1982), Bolero (1982) com Suzana Yamauchi. Também desenvolveu figurinos para a Cia Cisne Negro, dentre outras. Assinou o figurino de Cenas de Família.

Rakefet Levi

Graduado pela The School of Art - Hamidrasha em Ramat Hasharon e pelo departamento de Design de Moda do Shenkar College. Ensinou e ainda ensina em muitas instituições acadêmicas, como o Shenkar College, a Escola de Teatro Visual, Jerusalém, o Vital College for the Arts e a Bezalel Academy for Art and Design. Ela fundou e administrou a Escola de Artes Visuais e Cenografia em Tel Aviv. Rakefet projetou cenários e figurinos

para dezenas de peças nos principais teatros de Israel. Ganhou vários prêmios da Academia Israelense de Teatro e dirigiu e projetou Cinderela para a Nova Ópera Israelense (2007). Rakefet também desenhou figurinos para muitos filmes, programas de televisão e produções musicais. Desde 1991, Rakefet é co-criador do Ohad Naharin, desenhando figurinos para a Batsheva Dance Company e para o Batsheva - Young Ensemble. Assinou os figurinos do balé Queens e Black Milk.

Renata Schussheim

Nascida em Buenos Aires (1949), é uma artista argentina que se destaca em diversas expressões como teatro, ópera, música, dança, artes visuais e ilustração de livros. Profundamente influenciada pelo desenho de Carlos Alonso, como um golpe de surpresa, seus seres meio-humanos recorrentes, metade animais, ou os vestiários poéticos que transbordam as mesas, são portas de entradas para mundos inconscientes. Suas exposições significam entrar em um estado de alucinação, erotismo, e com um simbolismo que liga a cultura de Buenos Aires e o mundo interior feminino. Obras notáveis em importantes óperas e teatros ao redor do mundo transformaram-na na mais conhecida e procurada figurinista argentina. Recebeu o Prêmio Konex e o Prêmio Fundo Nacional das Artes por sua carreira no campo teatral, bem como Florencio Sánchez, Trinidad Guevara e ACE em várias ocasiões. Assinou os balés Salmos e Magnificat.

Simone Mina

Mestre pelo Programa Interdisciplinar de Pós Graduação em Educação, Arte e História da Cultura da Universidade Presbiteriana Mackenzie. Possui Graduação em Desenho IO4 de Moda e Especialização em Moda e Criação pela Faculdade Santa Marcelina/FASM. Docente das disciplinas Estilismo 2 - Orientação de TGI/Estilismo e Modelagem Experimental desde 2000 na mesma instituição, onde também integra o NDE - Núcleo Docente Estruturante. Possui formação em Cenografia e Figurino pelo Espaço Cenográfico (1998), onde estudou com J.C.Serroni. Diretora de Arte, cenógrafa e figurinista de diversas montagens artísticas brasileiras desde 1999, representou o Brasil na Quadrienal de Cenografia, Figurino e Arquitetura Cênica na República Tcheca - Praga, nos anos de 1999, 2003 e 2015. A artista-pesquisadora possui trânsito livre nas artes visuais, moda e teatro. Pesquisa o ateliê enquanto espaço de produção do sensível e suas interlocuções com o espaço social e cultural. Assinou o figurino do balé Coisas que nos Ajudam a Viver.

ÓPERA**Cássio Brasil**

Começou sua trajetória nos palcos como ator, mas foi na criação de figurinos e cenários que se destacou como um dos mais expressivos profissionais dessas áreas. Trabalhou com Jô Soares e Bete Coelho como assistente de direção. Trabalhou nas principais casas de espetáculo e com os mais respeitados diretores e companhia de teatro, dança e ópera e cinema. Dentre seus principais trabalhos estão Linha de Passe, Tudo o que Aprendemos Juntos, Hamlet, Ricardo III e Vazante. Assinou o figurino da ópera La Traviata.

Charles Möeller

Ator, diretor, autor, cenógrafo, figurinista. Professor de Teatro Musical. Nascido em Santos (SP), estreou aos 13 anos em uma montagem de *Morte e Vida Severina*, de Chico Buarque e João Cabral de Melo Neto, com direção de Waldires Bruno, no SESC de Santos. Aos 16 anos, iniciou a carreira no teatro profissional com a peça *O Noviço*, com direção de Neyde Veneziano, interpretando o papel-título, Carlos. Já em São Paulo, ingressou no CPT – Centro de Pesquisa Teatral, fundado pelo diretor Antunes Filho, e em 1989 iniciou a carreira de cenógrafo e figurinista, recebendo vários prêmios por seu trabalho em *O Concílio do Amor*. A partir de 1991, assinou a cenografia e o figurino de vários trabalhos, como *O Alienista*, *Dorotéia* e *Hello Gershwin*, musical de George Gershwin, onde trabalhou pela primeira vez com Claudio Botelho, seu parceiro de trabalho em mais de 40 espetáculos. Charles já ganhou importantes prêmios como o Mambembe, Shell, Apetesp, APCA, APTR, Qualidade Brasil, Faz Diferença (Jornal O Globo) e a medalha da Ordem do Mérito Cultural, do MinC. Para o TMSP assinou, entre outros, o figurino da ópera *Candide*.

Ciça Modesto (Cecília Modesto Lima)

Arquiteta, cenógrafa, figurinista, diretora de arte e adrecista. Autora do livro *Dicionário Ilustrado da Arquitetura*. Como adrecista assinou o espetáculo *Dinheiro Grátis* (2006), no cenário *Dois Cavalheiros de Verona* (2004) e *Passa, Passa Tempo* (1980). Fez a direção de arte do espetáculo *Baía de Guanabara* (2002). Trabalhou com grandes diretores e diretoras como Bia Lessa, Michel Melamed, Lúcia IO5 Coelho e Carla Camurati, para quem assinou o figurino da ópera *Madama Butterfly* (2000) e *Rainha da Beleza de Leenane* (1999).

Fábio Namatame

Formado em Publicidade e Artes Plásticas pela FAAP em 1981, realiza trabalhos de direção de arte, cenário e figurino para teatro, ópera, dança, publicidade, cinema e TV. É ganhador de diversos prêmios, como Shell, APCA, Mambembe, Cultura Inglesa, Sesc São Paulo, Paulínia de Cinema, Carlos Gomes de Ópera, Prêmio Sesc/Sated de Belo Horizonte e Prêmio Usiminas Sinparc. Colaborou com importantes artistas, como Bibi Ferreira, Marília Pêra, Denise Stocklos,IVALDO Bertazzo, Jô Soares, Diogo Vilela, Jorge Takla, José Possi Neto, André Heller-Lopes, Carla Camurati, William Pereira, Fernando Portari, Susana Yamauchi, Fábio Assunção, Cristina Mutarelli, Vivien Buckup, Regina Galdino, Carlos Alterto Sofredini, Elias Andreato, Lígia Cortez, Alexandre Heineck, Antonio Araújo e Paulo Yutaka, também com companhias de dança de BH, Cia. Sociedade Masculina de Dança e Cia Cisne Negro. Seu repertório operístico inclui criações para *O Guarani*, *Carmem*, *Madama Butterfly*, *As Bodas de Fígaro*, *Falstaff*, *Romeu e Julieta*, *Andrea Chenier*, *A tempestade*, *Olga*, *Rigoletto*, *Porgy and Bess*, *A Viúva Alegre*, entre outros.

Fernando Anhô

Artista visual, gravador, ilustrador, cenógrafo, iluminador e figurinista. Gradua-se em artes plásticas pela Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo – ECA/USP – em 1983. Frequenta o curso de fotografia no Museu Lasar Segall, em 1990. Entre 1986 e 1999, cria, dirige e faz cenografia de vários espetáculos no Theatro Municipal de São Paulo, no Memorial da América Latina, no Teatro Brasileiro de Comédia e outros. Foi autor dos cenários, figurinos, cenas de Teatro Negro e direção

de arte das óperas: *O Rouxinol* (de Stravinsky encenada em 2012 no Theatro Municipal de São Paulo), *O Menino e os Sortilégios* (de Ravel, encenada em 2011 no Theatro Municipal de São Paulo), *João e Maria* (Hansell und Gretel, de Humperdink), encenada em 2002 no teatro Municipal de S. Paulo, Teatro Municipal do Rio de Janeiro e Teatro do Amazonas de Manaus) e *A Flauta Mágica* (de Mozart, encenada em 2006 no Teatro da Paz de Belém do Pará e remontada no Teatro Municipal de S. Paulo). Criou as peças: *A Mão* (2001, Centro Cultural São Paulo), *Os ETs Cantam e Dançam* (2005, Teatro Alfa e Teatro Folha), *Imago* (1999, Centro Cultural S. Paulo e Teatro Jardel Filho) e *Espias* (em parceria com Marcelo Escanuela, 1997 no TBC). Em 1999, criou a Cia. Imago e, como diretor e ator, passou a encenar diversas peças teatrais e espetáculos com orquestra. Dirigiu e adaptou: *Pedro e o Lobo* (Prokofiev em 2004, Teatro Folha e Teatro Alfa; peça reapresentada por mais de oito anos em vários teatros, como Teatro Bradesco e Teatro São Pedro), *O Pássaro de Fogo* (Teatro Folha em 2006), *O Quebra-Nozes* (Teatro Folha em 2004), *Alice no País das Maravilhas* (Lewis Carrol, em 2007, Teatro Folha e Auditório da Cultura Inglesa), *Carnaval dos Animais* (Saint-Saens, Teatro Bradesco, em 2011), *A Mulher que Matou os Peixes* e *Quase de Verdade* (ambas de Clarice Lispector, encenadas no Centro Cultural São Paulo em 2009 e Teatro Alfa em 2010, respectivamente).

Gabriel Vilela

Diretor de teatro, cenógrafo e figurinista brasileiro. Um dos talentosos e requisitados diretores que surgem na década de 1990, dotado de uma teatralidade barroca, vigorosa, com frequentes apelos ao imaginário brasileiro. Formou-se como diretor teatral pela Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA/USP). Com o espetáculo *Vem Buscar-Me que Ainda Sou Teu* (1990), de Carlos Alberto Soffredini (1939-2001), recebe os prêmios Apetesp de melhor cenografia e Molière e Shell de melhor diretor. A peça é uma dramatização da célebre canção *O Ébrio*, de Vicente Celestino. Em 1994 cria, com o Galpão, *A Rua da Amargura*, texto de Eduardo Garrido que explora os ritos da Semana Santa nos circos-teatros, ganhando os prêmios Molière e Shell de melhor direção. Para o Teatro Municipal assinou, entre outros espetáculos, a ópera *Dom Carlo*.

Gianluca Falaschi

Nascido em Roma, trabalhou com alguns dos mais prestigiados diretores da cena teatral, como Arturo Cirilo, Cristina Pezzoli, Antonio Latella, Davide Livermore, Pierpaolo Sepe, Alessandro Glassman, Giuseppe Marini, Walter Le Moli. Sua entrada no mundo da ópera ocorreu a partir da parceria artística com Cirillo. Falaschi assinou o figurino da montagem de *L'Alidoro*, de Leonardo Leo, no Teatro Valli de Reggio Emilia, e de *Nápoli Milionário!*, de Nino Rota, no Festival de Martina Franca. Colaborou no *Tríptico de Puccini* no Teatro Comunale de Módena, espetáculo sob direção de Cristina Pezzoli, para quem também desenhou o figurino de *Mãe Coragem*, de Bertold Brecht. Com Davide Livermore, colaborou com o figurino na bem-sucedida encenação de *Don Giovanni*, de Mozart, no Teatro Carlo Felice de Gênova. A parceria entre os dois foi repetida na montagem da peça *Peter Pan*, de James Barrie, no Teatro Due de Parma; das óperas *A Filha do Regimento*, de Donizetti, no Teatro Verdi de Trieste, e *L'Italia del destino*, de Luca Mosca, no Teatro de Maggio Musicale de Florença. É professor de figurino na Accademia L'Arte Drammatica Silvio D'Amico. Recebeu o Prêmio Abbbiati de 2013 pelo figurino de *Ciro in Babilônia*, de Rossini, produzido para o Rossini Ópera Festival, com direção de David Livermore.

Lorenzo Merlino

Atuante há mais de 20 anos foi finalista do concurso Smirnoff Fashion Awards, em 1993. Estudou na Faculdade Santa Marcelina. Em 1995, convidado por Marie Ruchi, estagiou em Paris no Studio Berçot, importante escola de moda francesa. Foi o primeiro estilista brasileiro a ser representado em Paris, conseguindo aparições em publicações como The Face, I-D, Tank, View on Color, Jallousse e Libération. Madonna e Natalie Imbruglia adquiriram peças de suas coleções. Em 2000, fez um desfile no Fashion Week de Nova York, representando o Brasil, a convite da Tencel. Integrou a edição verão de 2003 da São Paulo Fashion Week. Em 2003-2005, foi representado em Nova York, no IO7 Opening Ceremony, vendendo para EUA, Japão e Canadá. Tendo entre suas clientes Kate Winslet, Kirten Durnst e Maggie Gyllenhal. Licenciou produtos para Le Postiche, Diadora, Melissa, Grendne, Havaiana, Nike, Speedo e VR, entre outros, e desenvolveu coleções para Riachuelo e Chilli Beans. Desenhou o figurino de O Barbeiro de Sevilha para Cia Brasileira de Ópera, em 2010, sendo indicado ao Prêmio Carlos Gomes. Pós-graduado em História da Arte pela FAAP, leciona para a FAAP, Faculdade Rio Branco, Escola São Paulo, Casa do Saber, MAM e MASP. Foi figurista residente do Theatro Municipal de São Paulo.

Marcelo Marques

Figurista, um dos mais respeitados do país, começou a sua carreira em 1978. Produziu figurinos para Ópera de Pequim, Teatro Municipal do RJ e SP, Teatro da Paz e Teatro São Pedro, Teatro São Carlos – Lisboa e Teatro Solis – Montevideo. Recebeu os Prêmios Sated, Shell e Cesgranrio. Desde então, tem em seu currículo mais de 270 espetáculos de teatro, ao lado de diretores como Bibi Ferreira, Jorge Takla, Charles Moeller, Claudio Botelho, André Heller, Sérgio Módena, Roberto Vignatti, Sergio Britto, Jacqueline Laurence, Luis Arthur Nunes, Gilberto Gavronski, Wolf Maia, Daniel Herz, Gilles Gwizdek, Cininha de Paula, William Pereira, Marco André Nunes e Flávio Marinho. Foi indicado a sete prêmios no ano de 2017 por seu trabalho em espetáculos como Josephine Baker, Janis Joplin e Guanabara Canibal. Ganhou em 2019, o Prêmio CBTIJ de Melhor figurino de 2018 pelo espetáculo O Choro de Pixinguinha e recebeu uma Moção Honrosa da Câmara dos Deputados do Rio de Janeiro concedida a artistas que com sua Arte lutaram contra a segregação racial.

Marina Luxardo

Formada em Cenografia pela Academia de Brera, em 1986, começou sua carreira como assistente de cenografia e figurino de comédias greco-romanas nos teatros de Taormina, Siracusa, Segeste e Tindari. Já trabalhou com diretores como Tadeusz Kantor (Um Matrimônio), Giancarlo Cobelli (Eldorado II e Re Giovanni), Cesare Levi (Peter Grimes, Tradimenti, La Casa de Bernarda Alba, O Rapto do Serralho e O Cavaleiro da Rosa), Máximo Belli (Manon Lescaut, La Fiaciola sotto il Moggio), Daniele Abbado, MiMe Perlini, Marco Gagliardo, Marco Maltauro, Lorenzo Salvati, Walter Manfre, Mariano Rigillo e Maurizio Nichetti. Para a Ópera de Zurique, criou os figurinos das produções dirigidas por Cesare Levi de Stiffelio, de Verdi, Giulio Cesare, de Handel, O Barbeiro de Sevilha e L'Italiana in Algeri de Rossini. Em Wiesbaden também com Cesare Levi, criou os figurinos de Idomeneo, As Bodas de Fígaro, Così Fan Tutte, A Flauta Mágica e Il Trovatore. Em Tóquio, criou os figurinos de L'Elisir D'Amore, produção do New National Theatre e, em Klagenfurt, da produção de Macbeth, ambas com direção de Cesare Levi.

Miko Hashimoto

Arquiteta pela FAU – USP e formada em modelagem industrial pelo Senai. Atua como designer e figurinista de teatro, ópera, cinema, uniformes e eventos, tendo mais de trinta anos de experiência no mercado. No teatro, criou figurinos para as peças Santa Joana, trabalho pelo qual recebeu o prêmio APETESP de Melhor Figurino; O Diário de um Mago; O Legítimo Inspetor Perdigueiro; Mano; Água com Açúcar; Três Estações e Ausência. Trabalhou no figurino de óperas no Theatro Municipal de São Paulo e Theatro São Pedro. Com o diretor Naum Alves de Souza, trabalhou em A Ópera dos Quinhentos, Os Pescadores de Pérolas, reduções de Madame Butterfly e Carmem, Jenufa, Lucia di Lammermoor e Orfeu. Também nos espetáculos de J.C. Violla: O Salão de Baile, Bailes do Brasil e 12 Movimentos para um Homem Só; além do espetáculo Utopia ou o Lugar que Não Existe, da São Paulo Cia. de Dança. Com Fábio Namatame, fez assistência para as óperas Tupi tu és, O Guarany, Carmem, Mãe Gentil, Folias Guanabaras, As Bodas de Fígaro e Romeu e Julieta. Trabalhou também no restauro do figurino de O Chapéu de Palha de Florença. Com suas criações para a peça Operação Trem-Bala, escrita e dirigida por Naum Alves de Souza, foi vencedora do Prêmio Shell de Teatro 2013 na categoria de Melhor Figurino. Colabora também com aulas especiais de linguagem e figurino como convidada na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da USP – São Carlos.

Mira Haar

A atriz, diretora, figurinista e artista plástica formou-se pela Faculdade de Artes Práticas da Fundação Armando Álvares Penteado vivenciando paralelamente cursos livres de artes, teatro, educação, moda, canto, dança obtendo assim uma formação polivalente. Iniciou a carreira como integrante do grupo Pod Minoga Studio – Teatro Experimental, sob direção de Naum Alves de Souza. Atuou como atriz no musical Florilégio com direção de Elias Andreatto, e na mini série Mulher de Fases, na TV-HBO; como diretora artística em Eu era Tudo Para Ela e Ela me Deixou, de Emílio Boechat. Como diretora de arte em Histórias por Telefone, com direção de Carla Candiottto; e como figurinista nas montagens de Il Pagliacci (1994); Madama Butterfly (1995); La Traviata (1996); Os Contos de Hofmann (2003); Todos, com direção de Jorge Takla; e Pelléas et Mélisandre (2008), com direção de Márcio Aurélio. Assinou o figurino de The Rake's Progress.

Naum Alves de Souza

Nascido em Pirajuí, São Paulo, 1942, faleceu em 2016. Foi diretor, autor, cenógrafo e figurinista. Um grande mestre do teatro brasileiro ligado a múltiplas atividades do teatro, como também da televisão, cinema e ópera. Com alguns alunos da Fundação Armando Álvares Penteado (FAAP), abre o Pod Minoga Studio, um centro de pesquisas de linguagem cênica que, nos anos 1970, causa furor e torna-se um fenômeno cult. Na área da ópera cria Ópera do 500, Os Pescadores de Pérolas e King Arthur, no Teatro Municipal de São Paulo, Janufa, de Leos Janáček, além de versões compactas para Carmen e Mme. Butterfly. Na área da dança, cria alguns espetáculos memoráveis, especialmente para o desempenho de J. C. Violla, entre os quais Senhores das Sombras, Valsa para Vinte Veias, Flippersports, Petruchka, Salão de Baile e Doze Movimentos para Um Homem Só. Escreve o roteiro de Romance da Empregada, filme de Bruno Barreto, em 1986. Na TV, dirige um sitcom à brasileira, A Guerra dos Pintos, na Bandeirantes, em 1999. Conquistou importantes prêmios teatrais brasileiros como o Molière, Mambembe, APETESP, Serviço Nacional do Teatro, APCA e Ziembinsky.

Olintho Malaquias

Estilista e figurinista formado pelo Senac. Completou sua formação com cursos na USP, e no Teatro Colón. Em 2010 e 2011 venceu, na categoria figurino, o Prêmio Carlos Gomes de Ópera e Música Erudita. Criou figurinos para diversas óperas como Mefistofele, de Arrigo Boito; Onheama, de João Guilherme Ripper; O Morcego, de Johann Strauss; O Barbeiro, de Sevilha de Rossini; Carmen, de Bizet; La Bohème e Gianni Schicchi, de Puccini; A viúva alegre, de Lehar; Dom Pasquale, de Donizetti; Ópera Aberta, de Gilberto Mendes; Sansão e Dalila, de Saint-Saëns; Os Troianos, de Berlioz; Ça Ira, de Roger Waters; Ariadne auf Naxos, de Richard Strauss; O Matrimônio secreto, de Domenico/Cimarosa; Lady Macbeth do Distrito, de Mtsensk de Shostakovich; O Telefone, de Giancarlo Menotti, e A voz humana de Poulenc. Colaborou com importantes diretores cênicos, como Caetano Vilela/Livio Sabag, William Pereira, Mauro Wrona, Emílio Sagi, Robert Lage e Enzo Dara. Participou várias vezes dos festivais do Theatro da Paz, em Belém, e do Amazonas, em Manaus. No teatro, foi figurinista residente do Teatro Oficina, onde criou figurinos para os espetáculos do projeto Os Sertões, quando recebeu indicações ao Prêmio Shell por A Terra e a Luta I.

Simona Morresi

Nasceu em Roma em 1971. Depois de se especializar no Studio Arte e Costumi dirigido por G. Mafai, ela iniciou uma carreira de figurinistas em 1992. Assistente de Odetti Miollet. Trabalhou nos mais importantes teatros de ópera da Itália e de outros países. Foi figurinista assistente para grandes produções de ópera de Franco Zeffirelli, Luchino Visconti, Cobelli e Proietti. Dentre os espetáculos que produziu, incluindo óperas, balés e teatro, destacam-se o figurino de Farnace, de Vivaldi, dirigido por Marco Gandini para a Ópera Nacional da Coreia; O Barbeiro de Sevilha, dirigido por Sparvoli para o Teatro Municipal de Santiago e Satyricon, de Maderna, encenado no Teatro Goldoni de Livorno. Desde 2011, é docente de história do vestuário junto à Accademia Italiana, em Roma.

Sofia Di Nunzio

Nascida em Buenos Aires em 1973. Estudou Belas Artes na Escuela Nacional de Bellas Artes, Prilidiano Pueyrredón. Depois da graduação, colaborou com grandes figurinistas e cenógrafos de Buenos Aires. Desde 2000, trabalha como figurinista na área de teatro e ópera. Trabalha em teatros da Argentina e da América do Sul, como o Teatro Avenida, o Teatro Argentino de La Plata, o Teatro Municipal de Santiago, o Teatro Municipal do Rio de Janeiro, o Solís de Montevideu e a Fundação Glovis Salgado em Belo Horizonte, com diretores como Pablo Maritano, André Heller Lopes, Fabian Von Matt, Marcelo Perusso, Oscar Barney Finn e Alejandro Bonatto. Assinou os figurinos de I due Foscari, Otello, Italiana en Argel, Rigoletto, A cidade ausente, Don Pasquale, Così fan tutte, O rapto no serralho, Il Mondo della Luna, La traviata, O holandês voador, Macbeth, I Pagliacci, entre outros. No teatro, trabalhou com diretores como Jamie Lloyd, Javier Daulte, Claudio Tolchachir, Oscar Martínez, Luciano Cáceres, Gonzalo Demarí, Alicia Zanca, Gonzalo Córdova e Daniel Suárez Marzal.

Stepano Poda

Em 2014, assinou a abertura do 77º Festival do Maggio Musicale Fiorentino, com uma nova produção de Tristão e Isolda, de Richard Wagner, sob regência de Zubin Mehta. Em 2015, concebeu Fausto para o Teatro Regio de Turim (numa coprodução com a Ópera de Israel de Tel Aviv e a Ópera Nacional da Coreia). Em 2016, dirigiu Ariodante para a Ópera Nacional do Reno, em Estrasburgo. Entre suas muitas produções, destacam-se Thais, no Teatro Regio de Turim, em 2008, gravada pela RAI/Arthaus; Falstaff, na Ópera Royal de Wallonie-Liège, em 2009, transmitido ao vivo em 200 cinemas nos EUA e na Europa (RAI/Dynamic); II Concilio dei Pianeti, de Albinoni com o Solisti Veneti (Unitel); a Força do Destino, abertura da temporada do Teatro Regio de Parma; em 2011 (Unitel), e do Festival Verdi, em 2014; Il Tritico, de Puccini, no Teatro Colón de Buenos Aires, em 2011; Leggenda no Teatro Regio de Turim e Festival Mito, em 2011; Maria Stuarda na Ópera de Graz, em 2012 e, na ABAO de Bilbao, em 2013; Il Trovatore para abertura do Festival Herodes Attieus em Atenas, em 2012; Atila no St. Galler Festspiele em 2013; Dom Carlo na abertura da temporada 2013/2014 do Theatre Erfurt.

FIGHA TÉCNICA

Prefeito de São Paulo BRUNO COVAS
Secretário de Cultura ALÊ YOUSSEF

Centro Cultural São Paulo
Diretora ERIKA PALOMINO
Chefe de Gabinete RODOLFO BELTRÃO
Supervisora de Curadorias NERIE BENTO
Curador de Moda DUDU BERTHOLINI

DO PALCO ÀS RUAS

Direção Geral

ERIKA PALOMINO

Produção CCSP

MARLLON CAETANO
RAMON SOARES

Comunicação CCSP

DANILO SATOU
FABRICIO FRANQUEIRA RUCK (Projeto Gráfico)

Pesquisa de Acervo

Coordenação Técnica VIVIANE JUNQUEIRA DOS SANTOS
Assistente SANDRO FREITAS
Pesquisa de Figurinos ALEXANDRE DOS ANJOS e TATIANE LIE IWASA
Apoio GABRIEL BOTELHO, LETÍCIA JUNQUEIRA, MARIA JOSÉ CORRÊA, RAFAEL SANTOS e TIAGO OLIVEIRA

Fotografia

EDGAR AZEVEDO
KARLA BRIGHTS
PEDRO PINHO
RAFA KENNEDY
RAQUEL ESPÍRITO SANTO
RODRIGO LADEIRA

Moda

ALEXANDRE DOS ANJOS
DAY MOLINA
DIEGO GAMA
EDUARDO ARAÚJO SILVA (DUDX)
FABIO COSTA
HISAN SILVA
JAL VIEIRA
LU BIG QUEEN

NOVÍSSIMO EDGAR
PEDRO BATALHA
RAFA SILVÉRIO
SUELEN INGRID
SUYANE YNAYA
VIGENTA PERROTTA
WEIDER SILVEIRO

Camareiras

CIDA SOUSA
FLAVIANA SOARES DE OLIVEIRA
PEPA CAETANO

Beleza

ALMA NEGROT
HELDER RODRIGUES
MAGÔ TONHON, RAPHA DA CRUZ E AGÁTA IGNÁCIO
MAX WEBER
MIKA SAFRO
VALE SAIG

Elenco

ARETHA SADICK
BARAKHIAH (ROCK)
CARMELITA (ANOTHER)
CHELFA CAXINO (ALLURE)
DEUZYDARA NOGUEIRA
DILL VASQUES
GABRIEL PITTA (WAY)
GZEBEL (ANOTHER)
HENRIQUE ALVES (MEGA)
IOHANY ALVES (WAY)
JAPHETTE OZIAS NINNIBLA LANTONKPODE
JESSICA RIBEIRO (JOHN)
KATRINA PRETYNHA
KATÚ MIRIM
LUCAS CONCEIÇÃO (ALLURE)
MARCELO LIMA (WAY)
MAYARA FERRER
NABILLAH (MEGA)
NAJA (MOVE)
NATASHA OLUBUSAYO (ALLURE)
NEON CUNHA
RENATA BASTOS (JOHN)
REVOAR SABINO
RODRIGO SOMÁLIA (FORD)
RUTH MACHADO (WAY)
SARA FLOR
SAVANNAH (MEGA)
THAYNARA INDAUANA
VIVIANE JUNQUEIRA DOS SANTOS
ZEH MOREIRA (JOY)
ZULU DOM BLACK
YVSON

Trilha Sonora

FELIPE VENANCIO

Coletivo Black Pipe

BEATRIZ NATALIA
 CARLOS ALBERTO
 LUAN BATISTA
 RODRIGO ESPÍNDOLA
 VITOR GABRIEL

Coletivo Coletores

TONI BAPTISTE
 FLÁVIO CAMARGO

Coletores Crew

ANA BERALDO
 JAILSON LESSA
 JEFERSON DE JESUS
 LUCAS QUEIROZ
 MAURILIO DE SOUZA
 VINÍCIUS DE OLIVEIRA

Coordenação Artística

JULIA MORELLI

ERICA LAGERDA
 GABS REZENDE (Produção Preta)
 MATHEUS DE MORAIS
 PAULO SOARES

Casting e Backstage

BILL MACINTYRE

BRUNA VITAL
 HERBERT GONÇALVES
 IRIS ZABALETA
 JANA FRIGO
 ROBERTA GUZZARDI
 ROBSON MUNHOZ

Produção e Logística

CORPO RASTREADO
 GABI GONÇALVES

ALBA ROQUE
 DAVID COSTA
 MURILO CHEVALIER
 RODRIGO FIDELIS
 TAMARA ANDRADE

EXPOSIÇÃO DO PALCO ÀS RUAS

Ideia original KARLLA GIROTTI
 Projeto Expográfico OLAVO TENÓRIO

Agradecimentos

CASTIEL VITORINO BRASILEIRO
 EUNICE BAÍA
 GISA GABRIEL
 HUGO POSSOLO
 JOSÉ ROBERTO FURQUIM DA SILVA
 LEMA ASSESSORIA
 MARIA EMÍLIA NASCIMENTO
 PAULO ZUBEN
 RAQUEL DA SILVA OLIVEIRA
 RAYMUNDO GOSTA
 TAIS LARA
 TERRA JOHARI
 VENTURA PROFANA

Realização

Centro Cultural São Paulo | CCSP

Apoio

Theatro Municipal de São Paulo

imprensacentrocultural@gmail.com



CCSP CCSP CCSP CCSP CCSP CCSP CCSP CCSP

CCSP



CIDADE DE SÃO PAULO CULTURA